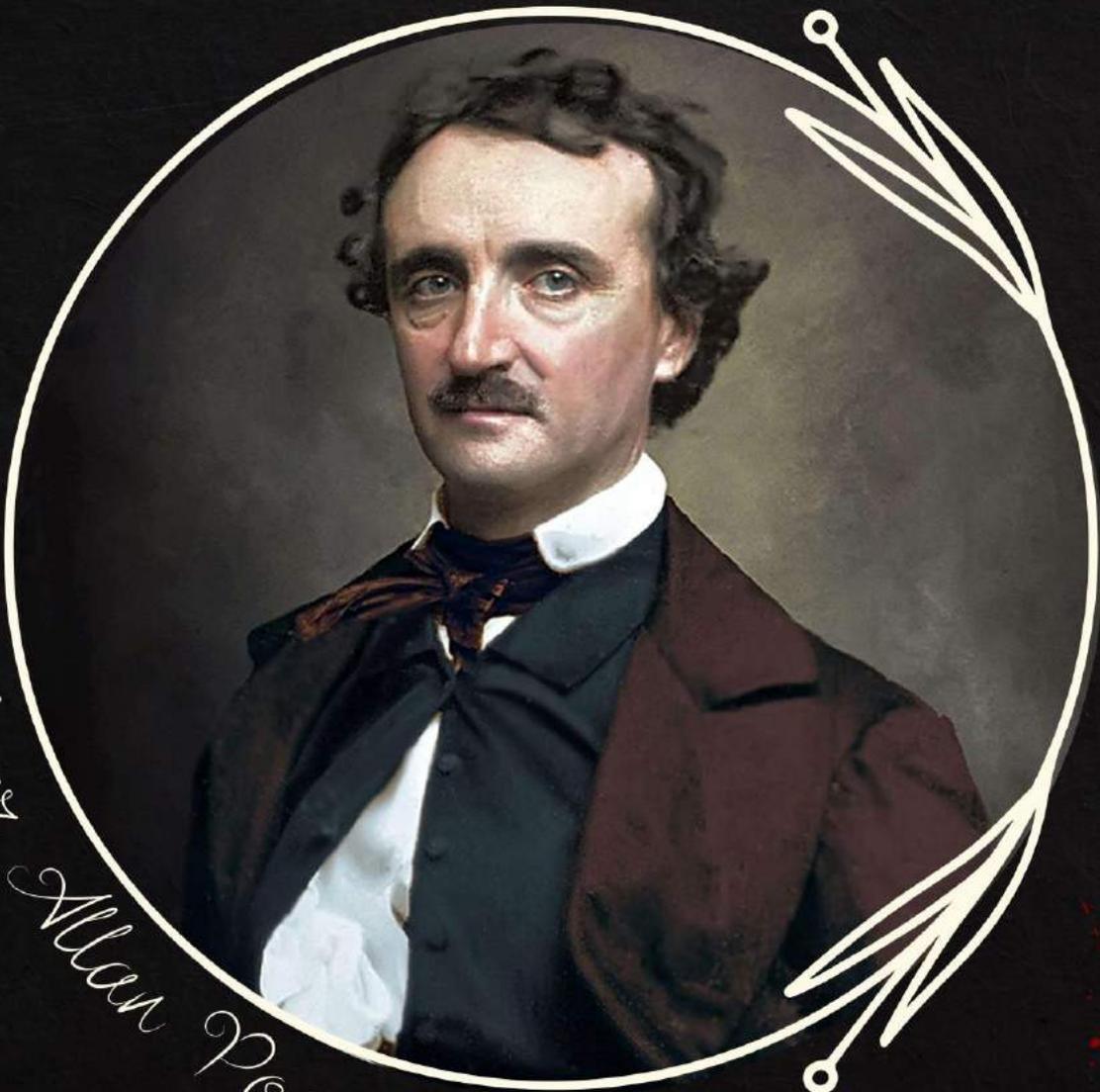


HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR



PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE



Edgar Allan Poe

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-56170-8

2022

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- TERNO AZUL, POR ADRIANO HENRIQUE NOGARA, PÁG. 05
ESCONDE-ESCONDE, POR ADRIANO HENRIQUE NOGARA, PÁG. 07
O AMANTE, POR JESSYCA CARVALHO, PÁG. 10
O HOMEM QUE GRITA, POR JESSYCA CARVALHO, PÁG. 12
A BELA DO LAGO, POR JESSYCA CARVALHO, PÁG. 15
A LESMA - PARTE 1, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 19
A LESMA - PARTE 2, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 24
VISITA NOTURNA, POE MELISSA BARBOSA, PÁG. 30
FANTASMA, POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA, PÁG. 32
O GRITO DA TUMBA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 34
DE ARREMEDO AO PÓ, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 39
DESTRUIÇÃO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 48
CONSCIÊNCIA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 50
"HERÓIS" CRUÉIS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 52
INEXORÁVEL, POR THEODORA XAVIER, PÁG. 55
ADEFAGIA, POR THEODORA XAVIER, PÁG. 59
ALGUÉM TEM DE ALIMENTAR OS ABUTRES, POR WILLIS LEITE, PÁG. 63
LEMBRE-SE DA MORTE, POR WILLIS LEITE, PÁG. 65
CARTA DE UM SUICIDA, POR WILLIS LEITE, PÁG. 67
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 70



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



HISTÓRIAS
E POEMAS DE TERROR

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE



A P R E S E N T A M O S O C O N T O



Terno Azul

Por Adriano Henrique Nogara



Sobre o autor: Nascido em Toledo/PR, bacharel em Direito em UNIVEL e graduando em Letras Portugues/Inglês pela UNICESUMAR. Leciona as disciplinas de Língua Inglesa e Portuguesa no Colégio Froebel, em São Bento do Sul/SC.

O relógio que ficava na loja da frente mostrava que eram quase duas horas da manhã. Uma fina chuva caía, pequenas poças se formavam próximas ao meio fio. Nas televisões atrás da vitrine passava um vídeo. Eu sabia aquele vídeo de cor. Enalteciam a qualidade de seus televisores. Eu estava ficando ansioso. Duas horas da manhã chegava o ônibus que vinha do centro. Dentro do ônibus vinha ela. A moça do cabelo vermelho. Todas as noites ela descia daquele ônibus. Trocávamos olhares. Ela sempre me olhava e sorria. Será que admirava minha postura? Ou talvez admirasse a minha roupa. Eu sempre estava bem-vestido à essa hora. Hoje, trajava um lindo terno azul, com linhas brancas paralelas e uma bela camisa de uma tonalidade mais clara. Estar bem-vestido era primordial para mim.

Então, para meu deleite, o ônibus chegou. Olhei o relógio da loja da frente e ele mostrava duas horas. A moça do cabelo vermelho desceu. Parou. Por um segundo achei que ela iria embora sem que trocássemos olhares como de costume. Mas ela parou, voltou e me olhou nos olhos como de costume. Admirou meu terno. Lindo corte. Azul como o céu do verão. Ela vestia roupas simples, uma camiseta qualquer, calças e tênis. Sempre vestia roupas comuns, corriqueiras. Eu achava que ela era belíssima, mas com aquelas roupas, não sei se poderíamos ficar juntos. Seu sorriso quebrou meu devaneio e trouxe minha atenção para sua boca. Ela disse alguma coisa, mas não entendi.

Foi quando uma sombra, um homem trajando uma roupa maltrapilha, muito pior que a minha, se aproximou. Me enchi de ciúmes, uma raiva começara a crescer dentro de mim. Quem seria esse homem que agora a abraçava por trás, bem na minha frente? Abraçando a mulher de cabelo vermelho? Eu quis gritar, mas não tinha boca. Tentei levantar meus braços, fazer alguma coisa, impedir aquele abraço, mas meus braços não se moviam. Ela abria a boca, mas não era o sorriso que sempre trocávamos, era um grito. O homem lhe cravou uma faca na barriga. Eu tentei fazê-lo parar, mas meu corpo não se mexia, estava estático. Ela vestia uma linda camisa branca, na qual uma mancha vermelha brotava, vermelha como seus cabelos. Ela se ajoelhou. O homem levou sua bolsa. Eu olhava imóvel. Queria fazer alguma coisa, mas não conseguia. Ela deitou-se no chão molhado, a chuva fina espalhando seu sangue pela rua. Foi assaltada e, eu, não consegui mover um músculo. Afinal, eu era apenas um manequim em uma loja de ternos.





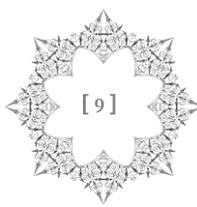
A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Esconde-Esconde
Por Adriano Henrique Nogara

Sobre o autor: Nascido em Toledo/PR, bacharel em Direito em UNIVEL e graduando em Letras Portugues/Inglês pela UNICESUMAR. Leciona as disciplinas de Língua Inglesa e Portuguesa no Colégio Froebel, em São Bento do Sul/SC.

Uma pequena escada de madeira, apenas três degraus, levavam até a varanda, degraus que eu transpus rapidamente, sempre pulando o primeiro e o terceiro. Entrei pela porta da casa e olhei para os lados procurando minha irmãzinha. A porta de entrada dava para uma pequena sala. Olhei para o sofá bege de três lugares, onde geralmente nos sentávamos para assistir televisão, nos chutando com as pernas para ver quem de nós conseguia esticá-las no assento do meio. Com o braço direito puxei o sofá para frente dizendo “Achei.”, mas ela não estava lá. Girei nos calcanhares, buscando a cristaleira que estava ao lado da televisão. Na parte inferior do móvel havia duas portas e puxei a porta da esquerda com força dizendo “Achei!”, mas ela não estava lá. A sala era pequena e simples, não havia mais lugares para ela se esconder. Lembrei-me de nosso quarto. Será que minha irmãzinha seria tão boba a ponto de se esconder em nosso próprio quarto, tendo a casa inteira vazia para isso? Entrei. Uma pequena cama estava a minha esquerda. Me abaixei rapidamente, para olhar embaixo da cama, gritando “Achei!”, mas ela não estava lá. Lembrei-me do armário. É claro, o armário. Que melhor lugar para se esconder do que no armário. Puxei a porta da esquerda com força gritando “ACHEI!”, mas ela não estava lá. Parti para o quarto que ficava a frente, que pertencia aos meus pais. A porta de madeira estava entreaberta. Que gafe, irmãzinha. O quarto também era pobre e humilde, como a nossa família era. Uma cama, bem maior que a do quarto anterior onde eu e minha irmã dormíamos, jazia à direita da porta. Desci novamente naquele mesmo movimento repentino que fizera outrora, desta vez gritando a plenos pulmões “EU TE ACHEI!”, mas ela também não estava lá. Meu coração quase arrebatava minhas costelas tentando pular para fora. A ansiedade me dava náuseas. Eu respirava forte, não conseguia ouvir nada mais do que a minha própria respiração. Nós éramos muito pobres e, como no resto de nossa casa, não havia muita coisa nesse quarto. Uma cama. Um armário. Pensei “Que melhor lugar para se esconder do que no armário?”. Meu peito palpitava, a irmã que se escondera de mim não poderia estar em qualquer outro lugar. Ela deveria estar dentro do armário, isso eu tinha certeza. Eu abri a porta da esquerda com força gritando “FINALMENTE EU TE ACHEI!”. Ela estava lá. Minha irmã estava sentada, encostada na lateral esquerda do armário, abraçando seus joelhos na altura do peito, cabisbaixa. Ainda bem que sou destra, pensei. Ela levantou levemente a cabeça e trocamos olhares. Depois levantou um pouco mais os olhos e eles ficaram vidrados, arregalados. Com o movimento, seu pequeno e fino pescoço ficou a mostra.

Perfeito. Ela viu o machado levantado acima do meu ombro esquerdo. Ele desceu em um golpe forte. Foi a última coisa que ela viu.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O



O Amante

Por Jessyca Carvalho



Sobre a autora: Nasceu em 12 de agosto de 1992, em Monte Carmelo, Minas Gerais. Começou a escrever seus primeiros textos ainda jovem. Em 2011, iniciou seus primeiros trabalhos como redatora na Prefeitura Municipal de Monte Carmelo. Em 2012 procurou aprender os detalhes necessários para escrever um romance/fantasia. Em 2018, lançou seu primeiro livro: O Mistério do Castelo Du Condrey. Após a publicação, descobriu-se apaixonada por contos de terror, realizando diversas publicações em antologias. Suas obras possuem o objetivo de induzir o leitor a se aprofundar em cada página, sem querer deixar de saber o desfecho, despertando inúmeras sensações enquanto lê.

Minha bela Petúnia, de semblante tão sereno. Reparo agora o seu formato tão franzino. É tão pequena e tão frágil que me faz compadecer. Seu rosto é delicado como uma flor do campo e sua pele branca exalta seus lábios vermelhos.

Bastou vê-la uma única vez para que meu coração pulsasse travesso em meu peito. Eu a devorei com os olhos e ela retribuiu com um sorriso tímido. Não resisti em apresentarme. Naquele dia, toquei delicadamente a sua mão, tão macia e suave. Seu rosto corou em meio a seus cabelos castanhos avermelhados que dançavam com o vento.

Dorme tão serena agora. Seu sono é atrativo para os anjos. Mais parece uma boneca de porcelana, agora tão branca e com os dedos tão frios. Falece no primeiro dia da primavera, dia 22 de setembro. Nasceu como uma flor e agora morre com elas.

Lembro-me de nossa primeira dança. Não sei o que mais me embriagava de amores; se eram os olhos verdes brilhantes ou seus dentes claros, expostos com a alegria da música que tocava. No salão, rodopiava graciosamente. Exibi-la era uma de minhas prioridades.

Minha imaginação se tornou um parque de diversões particular. Tudo girava em torno dela. Para toda e qualquer pergunta a mim lançada, só havia uma resposta: Petúnia. Flor da sabedoria e da transformação. Todavia, despertou em mim o que há muito tempo estava adormecido. Eu a amei. Mais que isso, lhe dei toda a minha devoção. Amei tanto que não pude suportar a cobiça de outros homens. Amei tanto, que matei. Deixei para tão somente a mim, a beleza de seu eterno sono.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Homem Que Grita

Por Jessyca Carvalho

Sobre a autora: Nasceu em 12 de agosto de 1992, em Monte Carmelo, Minas Gerais. Começou a escrever seus primeiros textos ainda jovem. Em 2011, iniciou seus primeiros trabalhos como redatora na Prefeitura Municipal de Monte Carmelo. Em 2012 procurou aprender os detalhes necessários para escrever um romance/fantasia. Em 2018, lançou seu primeiro livro: O Mistério do Castelo Du Condrey. Após a publicação, descobriu-se apaixonada por contos de terror, realizando diversas publicações em antologias. Suas obras possuem o objetivo de induzir o leitor a se aprofundar em cada página, sem querer deixar de saber o desfecho, despertando inúmeras sensações enquanto lê.

“**E**sse diário pertence a Patrícia Noruega...”
“Caso o encontre, devolva a sua legítima dona, ou ela mesma irá busca-lo.”

São os dizeres iniciais escritos no diário que encontrei perdido na biblioteca da faculdade. Confesso que antes de fazer o que deveria me deixei levar pela curiosidade e acabei lendo algumas páginas de uma garota que até então parecia ser absolutamente normal.

Romântica, apaixonada por um garoto aleatório, com seus problemas pessoais, usava o objeto para desabafar. Tratava-o como um amigo. Porém, no decorrer das páginas, as coisas começaram a ficar estranhas.

Patrícia relatou um passeio com seus amigos. Movida pelo interesse de uma paixonite, seguiu para o acampamento, onde todos estariam livres para abusar de bebidas alcólicas e o que mais dessem na telha de fazer.

Ela narra que durante a madrugada ouviram o grito de um de seus companheiros. Todos saíram desesperados de suas barracas. Os gritos ressoavam por todos os lugares. Por esse motivo, a turma se viu obrigada a se dividir.

Patrícia seguiu com Leonardo até o riacho. Ali se depararam com um homem trajado com uma capa negra e um grande capuz lhe cobria o rosto. Ao se revelar, perceberam que não era mais Rodolfo, o colega desaparecido, que gritava. Era aquela criatura, cuja pele era podre, de olhos negros enormes e a boca se esticava horripilantemente. Não houve outra reação, se não correr mato adentro, implorando aos céus por ajuda.

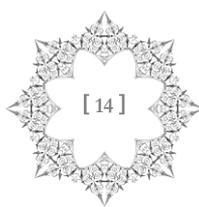
Ao chegar no acampamento, Patrícia percebeu que havia voltado sozinha. O garoto de quem gostava havia desaparecido. Aqueles que sobraram deixaram suas coisas para trás e apressaram em entrar nos carros, atemorizados pelos gritos que pareciam vir de seus dois colegas que ficaram para trás. Chegaram a cidade e avisaram a polícia que algo ou alguém os havia atacado.

No dia seguinte, os noticiários reportavam sobre os corpos de dois jovens encontrados no matagal, com as gargantas rasgadas, como se algo houvesse devorado suas cordas vocais.

A partir daí, só havia rabiscos e desenhos naquele diário. Ilustrações de uma criatura de capuz negro, com a boca aberta. A mesma retratada em diversas páginas.

Algumas atrás de uma porta, outras na janela e até mesmo atrás de uma jovem que poderia ser a dona do diário.

“Garota esquisita”. Pensei ao chegar na última página escrita com os seguintes dizeres: “Se ouvir o grito, corra! Não se vire. Não pare. O homem que grita o perseguirá por onde você for”.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Bela do Lago
Por Jessyca Carvalho

Sobre a autora: Nasceu em 12 de agosto de 1992, em Monte Carmelo, Minas Gerais. Começou a escrever seus primeiros textos ainda jovem. Em 2011, iniciou seus primeiros trabalhos como redatora na Prefeitura Municipal de Monte Carmelo. Em 2012 procurou aprender os detalhes necessários para escrever um romance/fantasia. Em 2018, lançou seu primeiro livro: O Mistério do Castelo Du Condrey. Após a publicação, descobriu-se apaixonada por contos de terror, realizando diversas publicações em antologias. Suas obras possuem o objetivo de induzir o leitor a se aprofundar em cada página, sem querer deixar de saber o desfecho, despertando inúmeras sensações enquanto lê.

Eu costumava ser uma menina alegre. Corria pelos campos floridos e com flores enfeitava meus cabelos. Havia uma melodia bonita que sempre invadia meus pensamentos e me fazia cantarolar por todos os cantos. Eu era inocente. Mas a inocência muitas vezes pode ser ruim.

Certa vez, estava retornando à minha casa ao entardecer. Vi minha irmã a caminho dos estábulos. Com um sorriso no rosto, pensei em surpreendê-la. Esperei alguns instantes e adentrei, caminhando na ponta dos pés, com muito cuidado para que ela não me descobrisse. Porém, fiquei horrorizada com aquela cena, que agora vejo nitidamente em minhas sombrias recordações. Amélia não apenas se acostava com nosso padrasto, como também agia com a perversão de uma messalina. Ainda me questiono como ela pôde se entregar a um tipo asqueroso como aquele. Todos sabiam da fama de Martin García e havia rumores que até mesmo as autoridades o temiam.

Um pequeno deslize mudou meu destino para sempre, ao desequilibrar e derrubar um monte de feno que me escondia. Amélia gritou apavorada enquanto eu dei o máximo para escapar das garras de Martin. Corri até o lago cuja vista sempre me confortava. Meu aconchego... Meu túmulo.

O crápula me agarrou pelas costas e, quando percebi, já estava com as mãos em meu pescoço, impedindo-me de respirar. Eu olhava para Amélia que havia nos alcançado, na esperança que ela pudesse fazer alguma coisa. Havia lágrimas em seus olhos, mas não eram de tristeza. Era medo. Talvez de me deixar viva e eu contar o que vi. Talvez por pensar que alguém pudesse descobrir quem me matou.

Eu podia esperar qualquer coisa daquele assassino, mas não podia crer que minha própria irmã sugeriria que ele me afogasse no lago para simular um acidente. Às vezes convivemos uma vida com alguém e jamais a conhecemos verdadeiramente.

A maioria das pessoas temem seres como eu. Não deve ser bonito ver uma mulher emergir de um lago com uma pele pálida, olhos fundos, cabelos desgrenhados e uma expressão assustadora no rosto. Mas ninguém nunca parou para refletir sobre como é estar deste lado.

Hoje, 2 de novembro, *Dia de Los Muertos*, vago pelas ruas iluminadas pela lua cheia. Cantarolo a mesma canção de sempre, mas não mais com alegria e sim com

lamúria: *“Não creia que porque eu canto, chorona, tenho um coração alegre. Também de dor se canta, chorona. Quando chorar já não se pode.”*

Caminho agora rumo a minha antiga casa, onde hipócritas celebram com alegria o retorno dos mortos que visitam seus entes queridos neste dia. Olho fixo para a janela, sinto que meus olhos queimam com meu ódio. Então, me escondo, pois alguém me percebeu ali. “Não foi nada. Apenas me assustei”. Ouço alguém dizer.

Entro silenciosamente e passo pela sala escura. Paro para observar mamãe com os olhos tristes em um canto da cozinha, enquanto Amélia ri exageradamente das piadas obscenas de Martin, junto aos capangas que, ao mesmo tempo, devoram a comida, feito lobos.

Mamãe sai daquele ambiente e sobe as escadas com tristeza. Eu a acompanho com cuidado para que não sinta minha presença. Ela pega o meu retrato que se encontra ao lado da cama e, abraçada com ele, chora calada.

Aquilo me enfurece. Decido então voltar novamente à cozinha. Amélia agora dança abraçada com Martin, enquanto seus capangas murmuram comentários maldosos a respeito dos dois. Um deles faz um comentário ofensivo sobre minha mãe. Ele se afasta dos outros e acende um cigarro. Concentro-me em perturbá-lo um pouco e, antes que pudesse gritar, ao se virar e me ver com um rosto nada bonito, torço o seu pescoço como se fosse um brinquedo de criança.

Não demora muito para que seu companheiro chegue a sua procura. “Mas que diabos!”. Ele exclama ao encontrar o corpo. Então ele me vê e fica paralisado. O capanga se aproxima com um punhal, o mesmo que, com um simples olhar, o induzo a rasgar sua própria garganta.

Dois corpos na parte externa da casa e nada daqueles dois perceberem que algo está errado. Também não há um único sinal de remorso do que me fizeram ou culpa por aumentarem ainda mais o desgosto daquela pobre mulher triste no segundo andar.

Eles ainda estão dançando. Decido então entrar na dança também. Entro no corpo de Amélia, o que provoca um impulso contra o seu parceiro que a abraça, olhando-a com maldade. Me solto e começo a dançar de forma *“caliente”* para seduzi-lo ainda mais. Após meu espetáculo, retorno aos seus braços. Ele não resiste e me beija. Um beijo quente de uma paixão avassaladora que termina lentamente. Ainda com a respiração acelerada, ele

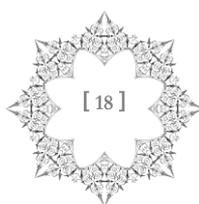
começa a abrir os olhos e se depara com a minha verdadeira forma. Ele grita horrorizado, como se estivesse diante do próprio Diabo.

Me aproximo, encarando-o como um animalzinho indefeso prestes a ser devorado por uma presa. Ele se debate e tenta fugir se arrastando pelo chão. Faço questão de ajudá-lo a se levantar, com minhas mãos pressionadas contra o seu pescoço. Ele olha para Amélia que está catatônica no chão. A irmã ingrata que jamais voltará ao seu estado normal após aquela invasão sobrenatural.

Martin chora e implora para que eu não o mate. Ele até mesmo arrisca fazer algumas orações. Aquilo me diverte. Faço de conta que o deixei escapar por descuido e começo a assombrá-lo pela casa. Ele vê coisas que jamais desejou ver na vida ou na morte. Atormentá-lo era como dançar no vento. Era satisfatório. Seus gritos eram como música aos meus ouvidos.

Ao jogá-lo contra a mesa. Ouço alguém chamar o meu nome. “Yolanda!”. Gritou mamãe parada na porta, tentando reconhecer sua filha naquele monstro. Temo assustá-la, mas ela insiste em se aproximar. Com os olhos cheios de lágrimas e um sorriso sereno, ela toca suavemente o meu rosto. Lágrimas de sangue escorrem dos meus olhos. Tentando não parecer tão assustadora, tento sorrir de volta.

Sentir aquele toque foi o maior presente que pude ganhar após meu retorno. Entretanto, havia uma razão para estar ali. Voltei meus olhos para minha vítima que estava prestes a fugir. Enfurecida novamente, faço com que uma de suas pernas quebrem. Cansada de gritos e choro, começo a arrastá-lo, mas antes que pudesse sair daquela casa, dou uma última olhada na porta. Lá ainda se encontra mamãe que me acompanha até desaparecer da sua vista. Até retornar ao fundo daquele lago, arrastando comigo a razão da minha dor e da minha morte, na esperança de finalmente descansar em paz.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Lesma – Parte 1

Por Mauro M. Massuda

Sobre o autor: Paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em temas como política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.

A amizade de Hunfrey e Humbert era, sem dúvida, tão sólida quanto famosa entre os círculos que frequentavam. Compartilhavam entre si coincidências e similaridades que os aproximavam, tanto em suas histórias de vida como em suas personalidades. Eram ambos herdeiros, tendo algum parente falecido lhes deixado dinheiro suficiente para não precisarem trabalhar, ainda que não tanto a ponto de poderem se gabar. Haviam estudado em boas escolas, e demonstravam erudição suficiente para entreter convidados em festas e jantares, discursando e debates assuntos mais variados, de biologia a diplomacia. Suas famílias tinham reputação e influência o suficiente para que fossem bem-vindos em clubes e associações, e gastavam seus dias divididos entre vadiagem e algum trabalho filantrópico. Tinham gosto por boa comida, bons vinhos e charutos, e se consideravam bons súditos de Sua Majestade.

Porém, da mesma forma como o rio Tâmisa divide Londres, também havia entre eles um limite claramente definido. Enquanto Humbert era um cavalheiro temeroso do mundo das leis, Hunfrey aceitava cruzar a linha entre o certo e o errado, o lícito e o ilegal, em nome de uma aventura. E raramente terminava bem, e tampouco sozinho, sendo o pobre Humbert recrutado para resolver alguma pendenga do amigo perante a corte de justiça. Em algumas ocasiões, os dois se aventuravam juntos por esse mundo limiar, diante da promessa de alguma diversão ou prazer distinto e inusitado, e se colocara em maus lençóis em nome da amizade.

O fato é que, a despeito dos bons momentos, de contarem com o auxílio um do outro para tarefas tão mezinhas como organizar uma festa, aos poucos o que eram traquinagens estavam se tornando confusões, cada vez piores. Até chegar na pior delas, para ambos.

Naquela noite, Humbert já se preparava para dormir, tendo dispensado o mordomo e a governanta. Notívago, havia decidido se entreter com uma leitura em sua pequena e aconchegante biblioteca, um livro recém publicado sobre as aventuras de um corretor de imóveis inglês perdido em um país exótico no leste europeu, e o conde que termina querendo possuir a esposa do coitado. Foi quando seu amigo de aventuras apareceu. A proposta lhe foi sussurrada por Hunfrey, com um olhar mais malicioso do que o normal, e a princípio causou apenas asco. A ambos faltava algo na vida – a companhia feminina, apesar dos protestos de suas famílias para que deixassem a solteirice e encontrassem uma esposa adequada. Humbert, boêmio porém responsável, respondera em mais de

oportunidade que talvez Deus o quisesse ao seu lado e, após uma ou duas décadas de hedonismo, poderia procurar servir a Igreja de alguma forma. Hunfrey, boêmio e galhofeiro, respondia que nunca encontraria uma mulher como gostaria entre as inglesas, e que talvez devesse se aventurar por uma das colônias do Império e viver uma vida de sultão, com seu próprio harém, desposando várias mulheres exóticas e as obrigando a se revezar no leito nupcial.

“Harém não é um grupo de mulheres, a palavra só indica o local de casa reservado para mulheres,” lhe corrigia Humbert.

“Como se minha família tivesse ideia disso, caro amigo,” replicava Hunfrey.

Mas aquela noite a proposta de Hunfrey era apenas satisfazer os desejos carnis, e procurar uma profissional nesse ramo. Mas com um toque inusitado, como lhe sempre apetecia: encontrar uma que aceitasse recebê-los ao mesmo tempo na cama. Seu amigo protestou, longe dele ter o desejo de vê-los nus no mesmo quarto, ainda mais com a possibilidade de encostarem um no outro! Hunfrey riu, porém manteve a oferta.

“Você realmente espera que eu vá num pardieiro a procura de uma rapariga que, além do prazer, vai nos ofertar tuberculose, tifo ou gonorréia?” perguntou Humbert.

Hunfrey o assegurou que não. Já havia se aplicado em buscar referências, e um cocheiro local comentou sobre uma jovem dama da noite que se destacava por peculiaridades. Podia ser vista em determinado local, com pele alva e macia como um pêssago, mas apenas uma ou duas noites por mês – e esta era uma delas. E atendia em um pequeno apartamento, um local discreto. Humbert protestou, em nada aquilo garantia que seria uma aventura segura. “Seu cocheiro pode estar falando apenas do que queria que fosse verdade,” sentenciou. Hunfrey não desanimou.

“Há quanto tempo você não relaxa e descarrega suas emoções? Se não quiser se deitar com ela, jogue conversa fora, talvez faça bem a você soltar a língua e falar das desgraças do dia a dia com uma mulher,” propôs Hunfrey, com uma piscadela.

Horas depois, Humbert e Hunfrey estavam em um coche, visitando uma região muito mal falada da cidade. Nas esquinas e becos, mulheres tossiam e jogavam sorrisos maliciosos, seus rostos escondidos graças a iluminação precárias dos lampiões a gás. O veículo dobrou mais um esquina, depois outra, passou por baixo de uma passarela, espalhando a água suja das sarjetas. De súbito, parou. Um rosto enrugado, de barba e cabelos brancos, apareceu a porta, e anunciou terem chegado ao destino.

“É aqui?” perguntou Humbert, um pouco incrédulo.

“Sim, senhor, a dama que vocês procuram está um pouco mais a frente, mas não tenho como prosseguir. As ruelas são estreitas, não tenho onde manobrar,” respondeu o velhote, num sotaque carregado. Hunfrey esticou a cabeça para fora do coche, e resmungou algo, ininteligível porém claramente satisfeito, e logo desceu. Humbert o acompanhou, e jogou uma moeda para o cocheiro. “Aguarde-nos aqui,” ordenou. O velho sorriu, respondeu que iria apenas virar a carruagem, e que esperaria pelo restante do pagamento – não deveria demorar, a mulher fazia seu ponto na entrada de um cortiço, e era apenas uma questão de acenar, acompanhá-la e ser atendido. Humbert sentiu um frio na espinha, e hesitou um instante antes de seguir atrás de seu amigo de aventuras.

Haviam poucos lampiões acesos, e a lua fazia todo o serviço de iluminação. A mulher parecia, de fato, ser jovem, com a pele lisa e desprovida de marcas. Humbert admirou por uns instantes, mas sabia que podia apenas estar se enganando. Os olhos dela parecia faiscar em lampejos azulados, e enquanto se aproximavam, pode sentir um perfume no ar. Pêssegos.

“Olá, madame, eu e meu amigo gostaríamos de contratar seus serviços,” saudou Humbert, mais animado com a aventura que se aproximava. A jovem virou-se, mas nada disse. “Soubemos que você atende dois cavalheiros ao mesmo tempo, e está aí o tipo de... novidade que queremos experimentar,” completou Hunfrey, com uma risada jocosa.

A jovem apenas acenou com a cabeça, como se consentisse. Então deslizou suavemente até a entrada do cortiço, um pequeno túnel pouco mais largo do que a cintura de um homem, seus passos quase inaudíveis. Seu braço se moveu como o gesto de uma bailarina, chamando-os para a seguirem.

Os dois homens a seguiram, e ela se mantinha alguns passos a frente. O chão de pedra era escorregadio, e eles precisavam se apoiar nas paredes para manter o equilíbrio. Humbert resmungou algo sobre ter enfiado a mão em uma porção de musgo. Hunfrey riu baixinho, e soltou elogios menos cavalheirescos para a dama.

Viram-se então em um pequeno pátio murado, cercado de sobrados estreitos, e iluminado praticamente só pelo luar. Os tijolos estavam cobertos de limo e sujeira, e velas acesas podiam ser vistas em algumas janelas abertas. Alguém riu alto em uma das casas, em outra um choro estridente. Mais adiante alguém parecia discutir sobre dinheiro emprestado que nunca fora retornado, numa voz claramente embriagada. O cortiço estava vivo. Humbert se admirou com a visão do lugar, e levou a mão ao estômago. Respirou fundo, e voltou-se para olhar a entrada, quase escondida em meio as sombras.

Hunfrey o chamou, em voz baixa, sorrindo. A dama já se distanciara mais de 10 jardas, e deslizava como uma figura angelical em direção a uma das portas. Justo a casa mais afastada da entrada do pátio, para preocupação de Humbert. Seu amigo voltou alguns passos e o pegou pelo braço.

“Vamos, não queremos ficar aqui a noite, certo?” perguntou Hunfrey, puxando-o com vigor.

“Não sei se quero ficar aqui nem pelos próximos cinco minutos,” respondeu Humbert, “talvez fosse mais prudente esquecer isso e procurar um bordel.”

Seu amigo deu-lhe um soco leve no ombro, e riu. Nada o deteria agora, estavam ambos comprometidos naquilo, e arrastaria seu comparsa medroso pelo inferno, se necessário. Humbert aspirou o cheiro de pêssego, que se tornava cada vez mais intenso.

A dama desapareceu pela porta, e segundos depois uma vela se acendia dentro da casa. Uma pequena mão, fina e delicada, surgiu entre os batentes, acenando com promessas. Os dois homens tornaram a caminhar em passos largos. Viram-se então em uma sala de estar apertada. Uma única poltrona, cheia de rasgos, em um canto. Uma estante com objetos diversos, nada que pudessem identificar, recobertos de poeira e teias de aranha. E uma mesa circular de madeira, com algumas velas e caixas de fósforos, um castiçal com a vela acesa, um bule e xícaras. Havia um cheiro forte de bolor, misturado ao de pêssegos. No canto oposto havia uma porta estreita, que dava acesso ao quarto.

Os dois espiaram, da forma como podiam, dada a pequenez do espaço disponível. O quarto era amplo, e só se distinguia uma cama, pois não havia vela acesa, apenas a luz do luar, que entrava por uma janela.

“Humbert, creio ter sido uma boa ideia você ter me acompanhado nesta aventura, como um verdadeiro amigo,” Hunfrey sussurrou em seu ouvido, “passou-me pela cabeça a sensação que talvez ela tenha um comparsa escondido ali dentro, ou que venha nos surpreender vindo de fora.”

“Amigo, você me mete em cada situação...” resmungou Humbert, em retorno.

“Ainda pretende entrar ali?”

“Sou um homem de palavra,” replicou Hunfrey.

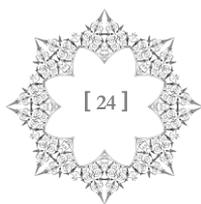
“Você gasta sua palavra com coisas fúteis,” rebateu Humbert, sem pensar muito.

Ficaram em silêncio por alguns segundos. A dama parecia sorrir, seus olhos azuis cintilavam mesmo na semi-escuridão do quarto. Como se quisesse incentivar algum

movimento da parte dos dois homens, soltou um botão de seu vestido, e suave como um cisne, deslizou para sentar-se na cama.

“Você está armado, certo?” perguntou Hunfrey, mostrando ter ainda um pouco cautela.

Humbert mostrou-lhe uma pequena Derringer que carregava no bolso do paletó. Já era algo, mas não fazia milagres, e se a dama se revelasse uma líder de quadrilha com dois ou três capangas, teriam que blefar muito para sair dali com aquela pistola de um único tiro. Hunfrey não se preocupou com esse detalhe, e se esgueirou pela porta do quarto.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Lesma – Parte 2

Por Mauro M. Massuda

Sobre o autor: Paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em temas como política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.

Hunfrey, mostrando uma inesperada dose de vergonha, encostou de leve a porta, depois de se certificar que não havia trinco ou fechadura para trancá-la por dentro, e que não havia mais ninguém no quarto. Se ela nada mais fosse do que uma pobre jovem dotada de beleza singular, e que apenas ganhava a vida com o corpo, seria justo deixá-la trabalhar em paz. Confiar, desconfiando.

A porta era de razoável espessura, a ponto de abafar os sons que vinham do quarto. Humbert ouviu seu amigo rir, falar alguma coisa em tom de brincadeira, mas não era possível entender exatamente o quê. Concluiu que ele estava apenas jogando conversa fora e elogiando a beleza da dama. Resolveu examinar com mais cuidado aquela pequena sala, buscando também algum lugar para repousar. O tecido da poltrona estava úmido e embolorado, e certamente não era usada há muito tempo. Optou pela cadeira, que mostrava apenas manchas de sujeira e teias de aranha. Levantou a tampa do bule de chá, e seu estômago se contorceu. A água que repousava lá dentro parecia um pântano em miniatura, e uma aranha com longas pernas finas aproveitou para escapar. Ergueu-se de um salto, e se afastou da mesa.

Ouviu alguns barulhos molhados vindo do quarto, Hunfrey deveria estar se deliciando, mas quanto tempo mais demoraria? Estava louco por vir ali, e mais ainda por se demorar. Tentou se distrair examinando os objetos largados na estante, porém estavam sujos demais, e teria que colocar a mão neles para retirar os detritos, algo que não lhe apeteceu nem um pouco. Havia livros, mas estavam já enegrecidos pelo bolor e poeira. Sentou-se novamente, espantando a aranha de longas pernas finas que, liberta da prisão do bule de chá fétido, encontrara no mundo exterior apenas mais sujeira. Deveria ter ficado em casa, lendo aquele livro. Uma de suas passagens lhe veio a mente, algo que o tal conde do Leste Europeu dizia à sua futura vítima, ao recepcioná-la em seu castelo: “entre de livre e espontânea vontade”. Não conseguiu dissipar a ironia de que ele, Humbert, havia feito exatamente isso. Acomodou-se novamente na cadeira, e aos poucos caiu no sono.

Humbert abriu os olhos, e lamentou ainda estar naquele cubículo empoeirado e fétido.

Não se levantou de imediato, primeiro verificou cuidadosamente se havia algum inseto ou bicho rastejando em seu corpo. Olhou em direção da porta do quarto, ainda fechada, e ouviu ainda um leve barulho, um ranger das molas da cama. Estava bem fraco, e ponderou se Hunfrey ainda estava se exercitando como um garanhão com uma jovem

égua no cio, ou se havia caído no sono. Buscou seu relógio de bolso, e espantou-se ao notar que já estavam lá há três horas.

Aspirou fundo o ar, enquanto ponderava o que fazer. O cheiro de pêssegos havia ficado mais forte, e ele começou a se questionar de onde viria. Talvez um dos vizinhos tivesse caixas dessa fruta estocada em casa, para vender no mercado? Era um mistério. Assim como o que deveria fazer. Estava já farto daquela aventura, e pouco inclinado a querer compartilhar o leito da jovem. Pagaria pelo tempo dela, e arrastaria Hunfrey para fora, iriam ao encontro do cocheiro, e retornariam para suas vidas normais. Um lampejo de preocupação singrou sua mente, talvez o velhote já tivesse ido embora, cansado da espera. Teriam que caminhar pelas ruas sinuosas e escuras daquela vizinhança, uma expectativa nem um pouco agradável. Apalpou a Derringer em seu bolso, com receio de que seria necessária, antes do final da noite.

Ouviu então o ranger das dobradiças de uma porta, mas não a do quarto, e ergueu-se num salto. Era o velho cocheiro, e entrara de uma vez dentro do pequeno cômodo, como se acostumado ao local, e o fitou com os olhos arregalados.

“Você ainda está aqui?”, reclamou o velhote. Sem dar qualquer explicação, ele ergueu o braço e, mesmo na semi-escuridão, era possível ver o cassetete em sua mão. Humbert não esperou para entender o que acontecia, cerrou os punhos e desferiu um golpe direto com sua mão direita. O velho rodopiou em seus calcanhares, e caiu ao chão, desacordado.

Para Humbert, foi o suficiente para comprovar a ideia de que a jovem dama era parte de uma quadrilha. A pergunta do cocheiro lhe soou enigmática – onde ele deveria estar, senão ali? Correu até a porta, e confirmou que não havia mais ninguém do lado de fora daquele casebre. O pátio, ainda iluminado pela lua cheia, estava vazio. Veio então a preocupação pela vida de seu amigo. Talvez estivesse dormindo profundamente sob efeito de alguma droga ou poção, uma vez que apesar o barulho, ninguém se aventurara para fora do quarto. Conteve o impulso de simplesmente abrir a porta, pois lembrava que não havia velas acesas lá. Acendeu então uma que estava na mesinha, e avançou até o outro cômodo.

Empurrou a porta devagar. “Entre de livre e espontânea vontade,” lembrou mais uma vez.

A primeira coisa que sentiu foi o cheiro. Os malditos pêssegos, mas sem o frescor que sentira antes. Era um cheio de podridão, pungente, enjoativo. Ergueu a vela, deixando

que sua luz amarelada invadissem o recinto. Mas era fraca demais, como se tivesse noção de sua própria pequenez e medo do que estava por vir. Humbert enfiou metade do corpo para dentro do quarto, e examinou a cena.

Hunfrey – ou pelo menos, conclui que só poderia ser ele – estava deitado na cama, suas roupas jogadas em cima de uma cadeira. Seu corpo estava envolvido por uma membrana rosada, da cabeça aos pés, como um enorme saco de estopa úmida. E o fecho do saco estava na extremidade próxima da porta, na forma de dentes pontiagudos, escuros como alabastro. Humbert sentiu seu pé escorregar, o chão estava liso, coberto de um muco pegajoso. Firmou-se, e percebeu que o ranger que ouvira antes vinha dos movimentos daquela absurda membrana rosa, que pulsava contra o colchão miserável e sujo.

Seguiu examinando a visão grotesca, enquanto algo lhe ocorria, como se já tivesse visto algo assim, em algum livro de história natural. Percebeu então que a membrana estava saindo de algo parado ao lado da cama, e que por estar do lado oposto ao da porta, se encontrava ainda quase toda escondida nas trevas. Reconheceu então o que parecia ser o vestido da jovem dama, e a membrana era projetada do decote do seu vestido. Seus olhos azuis haviam saído das órbitas, e se equilibravam na ponta de pequenos tentáculos, movendo-se de um lado para outro, para cima e para baixo. Sua pele, que antes parecia suave e macia estava agora coberta de verrugas e limo.

Humbert lembrou-se então de onde já havia visto algo assim. No jardim de sua casa. Uma lesma. Alimentando-se de alguma fruta podre, a criaturinha projetava uma tromba que envolvia os pedaços de seu alimento, e a digeriria. Não muito diferente do que aquela montruosidade estava fazendo com o cadáver de seu amigo.

A luz da vela irritou a dama-Lesma, que ergueu um dos braços para se esconder dela. Humbert observou que era apenas mais uma membrana, apenas menor, enrolada de forma a se parecer com um membro humano. A criatura soltou um ruído, parecido com um gargarejo cheio de muco, obviamente irritada por ter sido impedida de terminar sua refeição. A membrana que envolvia o corpo parou de se mover, e começou a relaxar e se abrir, deixando pedaços mal-digeridos do cadáver se espalharem pelo colchão. O cheiro de fruta podre se tornou mais pungente, enquanto a membrana era recolhida de volta para o corpo da criatura.

Humbert derrubou a vela e recuou, para fora do pequeno quarto, buscando com seus braços onde se apoiar. Virou-se, e passou por cima do velho cocheiro, ainda

desmaiado, e ganhou o pequeno pátio. O frescor da madrugada era um alívio, mas o cheiro ainda o acompanhava – estava em todo lugar, em suas roupas, em seu cabelo. Correu com todas as forças, tentando se lembrar onde era a entrada.

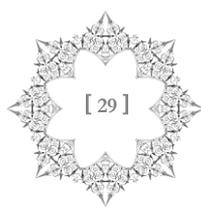
Depois de recolher sua membrana alimentar, de volta para seu abdômen, a criatura se recompôs para a forma quase humana que usava para se esconder e ludibriar suas presas. Seus globos oculares se encolheram novamente para dentro das órbitas, deixando apenas suaves e sedutores olhos azuis. Ela se pôs então em movimento, deslizando em cima do muco que segregava. Não era uma caçadora e preferia atrair suas vítimas para sua alcova, mas sabia, instintivamente, que não podia deixar testemunhas. E seu tamanho e força lhe davam a velocidade necessária para ir atrás daquele homem.

Humbert olhou para trás, e viu a jovem dama saindo do casebre e deslizando em sua direção, rápida como uma patinadora no gelo. Olhou ao redor, mas não havia movimento em nenhuma casa. Mal sabia ele que os habitantes daquele lugar estavam acostumados a um relacionamento pacífico com aquela criatura. Depois de ela se satisfazer, eles se livravam dos pertences dos mortos – carteiras e bolsas cheias de dinheiro, relógios e jóias – em geral, ela dissolvia completamente os cadáveres, não havendo trabalho algum. Mas conviver era diferente de ajudar, e ninguém se intrometeria naquele momento.

Ele sabia que a saída do cortiço estava exatamente no canto oposto ao casebre – memorizara isso para o caso de uma emergência, e certamente era uma situação de vida ou morte, ainda que não aquela que ele antecipara. Encontrou o corredor estreito, que mal lhe dava espaço para esticar as pernas, e agradeceu a Deus e todos os santos. Nunca mais teria qualquer aventura como aquela.

Sentiu algo agarrar suas costas, e olhando por cima do ombro, deu de cara com a criatura, com seus olhos azuis e opacos, um dos quais começara a se estender para fora da órbita. Em pânico, puxou a Derringer e esticou a mão em direção ao rosto da dama. O disparo soou seco no silêncio da noite, e foi o suficiente para ela o largar. Humbert correu, sem olhar para trás, acertando seus joelhos nas paredes do corredor estreito até ganhar a rua. Horas depois, foi encontrado por um policial, e levado a um hospital. Após ter seus ferimentos, todos leves, devidamente cuidados, e sua história analisada por um magistrado, Humbert foi internado em um manicômio, pelo resto de seus dias.

De seu amigo Hunfrey, nunca mais se teve notícias.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Visita Noturna
Por Melissa Barbosa

Sobre a autora: Nascida em Porto Alegre, é formada em Jornalismo, Filosofia e Letras. Tem contos e poemas em mais de 30 coletâneas. É autora de livros de contos, poemas e crônicas: Um dia como qualquer outro (Giostri, 2016), O Olho do Monstro e Outros Contos (Simbiose, 2019), Pequenos hipopótamos no meu café (e-book, 2021), Breviário (Simbiose, 2022) e Peter Pan me ensinou que vamos todos morrer (e-book, 2022). Mais em www.melissabarbosa.com.br

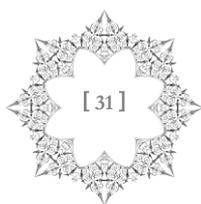
Abro os olhos e vejo o nada,
a noite calada me quer cega.
Mas a mente, trôpega, alerta,
enxerga o que a bruma apaga.

O espectro nocivo, tal qual
pensamento obsessivo, toca
minha alma, lascivo, como a
um pedaço de carne passivo.

Ai, a noite é mais atroz após
um dia sereno, quando ele
(assombração? alucinação?)
surge feroz, pleno de veneno.

É que o olvido nos faz sentir
absolvidos. Leviano engano!
Que baixemos a guarda faz
nada mais parte de seu plano.

Eu o amei por tanto tempo, e
por tanto mais o odiei. Agora
ele habita, como rei, a memória
daquela noite em que o matei.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A



Fantasma

Por Mirian Menezes de Oliveira



Sobre a autora: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA –Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.

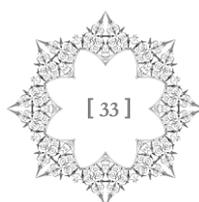
Toda noite ele me encara...
Afronta-me sem piedade.
Meus sonhos todos agarra,
com estúpida crueldade.

Cansada de tais amarras,
de vil arbitrariedade;
rendo-me a todas as garras
do algoz da felicidade.

Não consigo me livrar!
Venha, tortura, e me afoite!
Vil espectro, sem lar...

rasga-me com um açoite!
Mas, quando a treva acabar,
fuja pro ventre da noite!

In: MÉTRICAS MACERADAS, Ed. Scortecci, 2019.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Grito da Tumba
Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

"O espírito dos mortos torcerá o pescoço do ladrão de túmulos como um pato".

Inscrição na tumba da pirâmide de Medun

Novembro, 1922. Elwat el-Diban. O Vale dos Reis.

O vento quente e seco do deserto redemoinhou pelas ruas de pedra e areia do Vale dos Reis levantando torvelinhos de pó branco como silhuetas fantasmais que se dispersavam ao sol do meio-dia.

Salah Ibn Rafiq limpou o suor do rosto e continuou carregando os baldes de areia.

Despejou-os em um monte distante da entrada recém descoberta da tumba e voltou para encher os baldes.

O capataz Ahmed Gerigar gritou uma ordem para que ele entrasse na tumba, o egiptologista inglês precisava de alguém para inspecionar a quebra dos selos dos santuários que adornavam a câmara principal.

Salah parou por um instante, não gostava de entrar dentro da tumba, o frio intenso que havia lá lhe dava arrepios.

Obedeceu com medo!

A entrada era como uma boca negra, pouco iluminada, que lhe parecia descer para profundezas absconsas de onde não tinha certeza que retornaria.

Desceu os degraus do corredor de entrada com o coração pulando descompassado no peito.

Um cheiro de horror e medo vinha lá de baixo e lhe enchia os pulmões como se fosse água fria, impedindo-o de respirar, a garganta estava apertada e os olhos lacrimejaram.

Apoiou-se na parede e sentiu a superfície áspera pintada de azul, os dedos pareciam enterrar-se pela extensão ceruleana como se fosse areia mole, retirou-os com asco e limpou os resquícios na roupa.

Parou por um instante na antecâmara, lembrou-se de outra escavação da qual havia participado, um ano antes, fora ele quem encontrara enterrado junto ao túmulo um cadáver não embalsamado, com roupas de beduíno e restos de pele seca, os olhos vazios e a boca aberta em um grito mudo, horrendo.

Lembrava-se muito bem, porque aquela cena o havia assombrado desde então.

Os olhos negros do morto, profundos e vazios olhavam-no toda vez que fechava os olhos para dormir, ouvia aquela voz seca e raspante sussurrando palavras ininteligíveis em seus ouvidos. Não podia esquecer!

Será que ele era como aquele saqueador? Aquele profanador que morrera sem levar nada da tumba na qual entrara?

Na época o inglês que escavara o local rira e dissera que uma pedra caíra do teto e acertara a cabeça do homem, que sorte tivera ele!

Salah não achara sorte nenhuma! Não rira! Sabia que os antigos reis não gostavam de ninguém profanando suas tumbas, tinha respeito por eles, mas precisava muito do dinheiro para sustentar a família e acabara aceitando a oferta do capataz Ahmed Gerigar para trabalhar ali.

Mesmo assim sentia medo daquele lugar. Não gostava de entrar ali.

Ainda se lembrava bem do fim que tivera o Pássaro Dourado do egiptólogo, um pequeno canário que este havia trazido do lugar de onde viera, para dar sorte diziam e assim foi, mas depois de descoberta a tumba, quando o egiptólogo retornara para casa encontrou o canário sendo devorado por uma serpente.

Ora, todas sabiam que a serpente que nascia na frente dos velhos reis do Egito antigo havia se vingado do pássaro dourado que havia revelado a entrada da tumba de seu monarca, assim como era certo que antes que o inverno chegasse alguém ali iria morrer!

Não era um bom presságio!

Passou para a câmara mortuária! Ainda não entrara nela desde que havia sido aberta. Um cheiro fraco de perfumes, óleos e unguentos recendia pelo ar parado, persistentes e pungentes aromas de uma variedade de madeiras antigas guardados ali durante milênios.

O egiptólogo e seu assistente já o esperavam diante do primeiro dos santuários que cercavam o sarcófago do Rei Tutancâmon.

O tamanho do santuário, que tomava quase toda a câmara, assustou Salah, que ficou imaginando o que poderia estar selado lá dentro, que maldições ou monstruosidades poderiam estar contidas dentro daquela caixa de madeira pintada?

Ainda com o coração pulando ele se aproximou e ficou logo atrás do egiptólogo.

As portas de madeira pintadas em azul e dourado estavam lacradas há tanto tempo, será que deveriam ser abertas? Será que eles tinham o direito de quebrar aqueles selos e profanar aquele lugar santo?

A resposta dentro dele era sempre negativa. Queria sair dali correndo, deixar tudo aquilo para trás e enterrar aquela tumba novamente nas areias, esquecendo sua entrada para sempre. Mas não estava em si fazer aquilo.

O egiptólogo apenas o olhou. Não conversaram. Havia trabalho a fazer.

O homem quebrou o selo com um pequeno martelo e Salah ajudou-o a abrir as portas, gentilmente à princípio e depois com força, pois a grande porta não se abria, súbito com um movimento abrupto a porta pulou nas dobradiças e dentro descobriram uma teia de linho que era como um véu diáfano sobre o qual estavam suspensas inúmeras rosetas de ouro puro do tamanho de moedas grandes.

O egiptólogo, com os olhos brilhando, afastou o véu e dentro havia outro santuário como o primeiro, porém folheado à ouro e coberto de hieróglifos, em cujo centro estava estampado e perfeitamente intacto o selo da necrópole, o chacal com os nove escravos atados.

Salah sentiu o coração cavalgar no peito e o braço esquerdo ficou dormente, o sarcófago estava intacto, ninguém ousara profaná-lo antes, afinal seriam eles a fazê-lo!

O medo o avassalou, montou em suas costas e o cavalgou pelas sombras da câmara, mal iluminadas pelas velas, sentiu a vista escurecer por um instante e logo voltou a enxergar.

O egiptólogo estava já quebrando o segundo selo. Salah também o ajudou a abrir a segunda porta, mas a sensação foi ainda pior, sua garganta fechou e ele mal conseguia respirar, deu um passo atrás e o assistente do egiptólogo tomou seu lugar avidamente.

Não conseguia olhar para as descobertas maravilhosas dentro dos santuários, estava amedrontado demais pra fazê-lo, queria apenas sair dali.

Afastado da abertura dos santuários interiores, estava com as mãos apoiadas sobre a parede, quando lembrou-se disso retirou-as com horror e olhando-as foi como se elas estivessem manchadas de sangue.

Aproximou-se da luz de uma das velas e viu que era uma cor azul ceruleana, que nas sombras dava a impressão de sangue, limpou-as nas roupas, mas no abrir e fechar dos dedos ainda podia sentir os grânulos rugosos dos fungos da parede.

Não conseguindo mais suportar o medo que o dominava, Salah correu para fora e, saindo da tumba, perdeu-se na noite.

Foi para casa, o ar noturno parecia-lhe cheio de sussurros e areia e sua garganta se fechava devagar, como se apertada por mãos invisíveis.

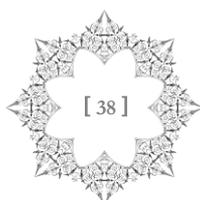
Era difícil respirar!

Jogou-se no catre e olhou para o teto cor de areia, as ranhuras e rachaduras pareciam se mover formando linhas de um rosto, lembrou-se do rosto do ladrão de tumbas que vira, também ele fora vítima da maldição do antigo rei.

Sentiu aqueles mesmos dedos invisíveis apertando sua garganta, tornando cada vez mais difícil respirar, até que o ar já não passava mais, lutou em vão, seus olhos fecharam-se em um estertor terrível.

Sua última visão foi do rosto que surgira nas linhas do teto, dos olhos mortos que o observavam de dentro de três mil anos passados, do rosto altivo e implacável que gritou sua maldição sobre ele com aqueles lábios de areia fina e amarelada, lábios destituídos de misericórdia para com aqueles que profanaram a tumba de um Faraó do Egito!

E Salah morreu depois de ouvir o grito da tumba!



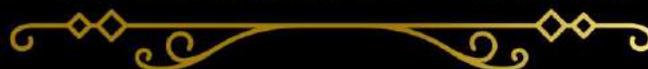


A P R E S E N T A M O S O C O N T O



De Arremedo ao Pó

Por Roberto Schima



Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

O imigrante Saul Weiss tinha sessenta e oito anos e levava a vida como um modesto oleiro na capital paulista. Através da argila, moldava lindas peças de decoração, vasos, jarros, potes e estatuetas. Dava-lhe uma satisfação imensa sentir o barro escorregar sob suas palmas ou pelos vãos entre os dedos, tanto pela sensação tátil quanto pela expectativa daquilo que haveria de surgir. Assim como outras artes que exigiam não somente técnica, mas — e sobretudo — imaginação, Weiss acreditava-se insuflado por uma espécie de dom divino, fazendo dele um intermediário entre os homens e uma vontade superior. Suas peças seriam as manifestações dessa vontade. Embora, em geral, as pessoas admirassem seus atributos, nem todas eram dotadas da capacidade de enxergar em suas obras aquilo que Deus desejava expressar.

Sentia-se santificado.

Sentia-se louvado.

Sentia-se Deus.

Quem de longe olhasse para o idoso Saul Weiss veria o que julgava ser tão somente um grande artista e habilidoso artesão. Não obstante, enganava-se. O oleiro também era profundo conhecedor do *Talmude* e da *Torá*. Os mais próximos diziam que ele era rabino, todavia, nunca ouviram-no mencionar uma sinagoga ou dele expressar qualquer opinião ou ensinamento de natureza religiosa. Eram somente boatos, embora o provérbio dissesse que onde havia fumaça o fogo também poderia arder. Perguntavam-se se ele era algum foragido de perseguições antissemitas. As pessoas falavam demais, pensavam de menos e sentiam menos ainda.

Tudo o que Weiss desejava era viver a sua vida em paz em meio à argila, ao raiar do dia, ao roçar do vento em seu rosto, à fragrância da grama salpicada de orvalho, ao crepitar das brasas em seu forno, à calidez do pôr do sol nas colinas e às recordações de uma terra que ficara para trás no tempo, mas gravada para sempre em seu peito.

De sabido com certeza foi que, um dia, sua modesta e pequena olaria na periferia da cidade viu-se invadida por marginais. Eles tinham escutado sobre a sua origem judaica e, acreditando que isso fosse sinônimo de muito dinheiro, prenderam e espancaram o idoso para que contasse onde guardava os seus tesouros. Entretanto, o que de mais valioso possuía eram seus alfarrábios escritos em hebraico. E a preciosidade de livros era algo que estava muito além da compreensão dos vigaristas.

Enquanto Weiss gemia devido às coronhadas, os dois bandidos discutiam.

— Pô, Zulão, esse pato aí não tem grana alguma... Tá na cara!

— Que nada. As aparências enganam. Tome — passou um canivete para o comparsa —, vá verificar dentro do colchão. Essa velharada adora guardar dinheiro nele.

— Mas...

— Anda logo, Zico! Não temos muito tempo. Alguém pode ter ouvido os gritos do velhote.

O outro obedeceu.

Enquanto isso, aquele que ficou prosseguiu a interrogar Saul Weiss.

— E então, *gringo*, cadê seu ouro?

Num sotaque já quase imperceptível, o oleiro balbuciou:

— Não tenho ouro. Sou um artesão.

O bandido deu-lhe um tapa no rosto.

— Mentiroso! Não pense que sou burro. Vim da favela, mas sei das coisas. Até aprendi a ler por conta. Melhor dizer se não quiser que eu comece a arrancar seus dedos.

Na mente de Weiss, uma outra época começou a reaparecer. Tempos negros nos quais a desumanidade predominava e a selvageria tomara conta dos que se julgavam o ápice da civilização. E pessoas como ele resumiam-se a estrelas amarelas, números tatuados no braço e combustível para as fornalhas. Agora, estava em um outro tempo e lugar muito distantes, entretantes, a bestialidade parecia não abandonar o ser humano, encontrava-se cravada em sua essência feito garras fincadas na carne macia. Sentindo um ódio profundo sobrepujar o medo, lágrimas nos olhos, o rosto ainda queimando de dor, destilou toda a sua revolta através de cinco palavras:

— Já pensou em trabalhar, vagabundo!

Pela expressão do marginal apelidado Zulão, foi como se Weiss tivesse devolvido o tapa com o dobro da força.

— Você me paga! Achou que eu tava brincando quando falei de arrancar seus dedos, velhote? Vou acabar com você! Vou...

Tropeçou num banco e bateu em uma estante, fazendo um dos laboriosos vasos de argila estilhaçar-se ao chão.

Saul Weiss sentiu a perda da peça — feita com todo carinho e a qual consumira-lhe várias horas de trabalho — como se fosse uma dor física.

O bandido percebeu.

— Ah, não gostou do vaso ter quebrado? E que tal este?

E derrubou outro.

— Não! — lastimou o oleiro.

— E que tal esse outro?

Era uma estatueta de uma mulher que representava a liberdade. Possuía inúmeros detalhes florais e outros imitando nuvens.

— Não faça isso! — implorou.

— Vai me dizer onde guarda suas joias?

— Por favor! Não tenho joias nem ouro. Sou apenas...

A belíssima estatueta transformou-se em migalhas.

O idoso gemeu e começou a chorar.

— *Adonai...*

Zulão pensou consigo:

— Quem sabe, seu ouro não esteja no colchão, mas dentro de um desses potes...

Não é isso?

E começou a quebrar todos eles para aflição de Weiss que transformou-se em desespero ao ver o bandido rasgar um de seus raros rolos de pergaminho.

— AAAHHH! — berrou o idoso. — *Kelev ra!*

Zico, o outro marginal, reapareceu, atraído pelo barulho.

— Que zona é essa? Dá para ouvir essa zoeira lá na outra esquina! Não tem nada no colchão, Zulão. Pára com isso. Se não escutaram os gritos do velho antes, com certeza perceberam essa bagunça que você está fazendo.

— Nada! Nada!... NADA! — berrou o bandido, ofegante, em meio aos cacos.

De fato, não tardou para que vozes fossem ouvidas do lado de fora.

— Vamos embora! — falou Zico.

— Vamos sim — concordou Zulão e, olhando para o idoso amarrado, acrescentou —, mas voltarei para acertar aquele negócio dos dedos, velhote.

Fugiram pelas portas dos fundos.

Os vizinhos vieram e, horrorizados, testemunharam o vandalismo e a tortura sofrida pelo oleiro.

Através deles, Saul Weiss, soube aonde os criminosos correram.

— A favela de São Francisco de Assis — disseram.

Weiss não deixou de notar a ironia que encerrava terem atribuído o nome de um frade católico, conhecido por sua bondade e compaixão por todas as formas de vida, a um conhecido antro de vilania, drogas e meretrício.

Mais do que a agonia física, o temor de um novo ataque e a inominável tristeza pela perda das peças de argila e dos manuscritos antigos, Saul Weiss continuou consumido pelo ódio. Era uma raiva profunda, queimando e queimando, somada ao sofrimento inimaginável pelo qual ele e sua família passaram diante dos nazistas.

O mal nunca deixou e nem deixaria a humanidade, pois esta era imbuída daquele, estava em seu cerne desde que Caim assassinara Abel. Sempre iria persegui-lo e a sua gente como o fez no passado remoto e recente.

— Não! — prometeu em sua pequena olaria transformada em ruínas. — Isso acabará aqui.

Não iria aguardar o retorno do bandido.

Não se encolheria feito um coelho assustado.

Não se deixaria levar passivamente ao matadouro.

Assim, apanhou toda a argila que havia em seu estoque e preparou a massa. Em vez da carícia habitual, da delicadeza tátil entre os dedos, Weiss trabalhou com brusquidão e ferocidade. Através do barro, despejou a sua avidez por desforra. Moldou a figura de algo humanoide de mais de dois metros de altura. Era horrendo: possuía feições neandertais, mas dotado de um queixo maciço e protuberante; da boca enorme, destacavam-se fileiras de dentes aguçados; um chifre espiralado sobressaía-lhe do meio da testa; o nariz era largo e achatado, e as orelhas grandes e pontudas; o corpo, magro e musculoso; seus braços eram mais longos do que as pernas com mãos terminando em garras; finalmente, das costas arqueadas destacava-se um par de asas de morcego. Durante todo o processo, recitara orações milenares no idioma dos israelitas. Somente depois de concluída a obra, deu-se conta de que moldara a figura na forma com a qual em criança imaginara os seus algozes germânicos.

Todavia, precipitara-se: o trabalho não estava de fato concluído. Apanhou um estilete e, em hebraico, escreveu a palavra *Emet* na testa baixa, a qual significava "verdade". Depois, deixou a estátua cozer um dia inteiro. Arrepiou-se todo diante da silhueta demoníaca entre as chamas. Quando ela finalmente esfriou, tinha adquirido a constituição de uma rocha.

Naquele momento, Saul Weiss, o oleiro, hesitou. Motivado inteiramente pela cólera, jamais fizera algo semelhante. Desde pequeno ouvira lendas a respeito. A própria origem de Adão encontrava-se imbuída desse mito. Porém, embora muito tivesse estudado a *Torá*, o *Talmude* e textos cabalísticos cujas origens remontavam ao exílio na Babilônia,

Weiss jamais ousara tal prodígio. Intimamente, até duvidava de que seu esforço fosse resultar em alguma coisa senão um veículo através do qual tivesse extravasado sua raiva. Não obstante, após recitar as últimas palavras mágicas, algo aconteceu. A luminosidade no interior da oficina vacilou e pereceu. Houve uma lufada de ar. Um ruído raspante sobrepujou o silêncio. Objetos tilintaram na olaria. Todo o corpo do velho estremeceu. Sentiu-se invadido pelo medo. Finalmente, a luz retornou.

O idoso arregalou seus olhos.

Não se encontrava mais sozinho.

O golem adquirira o sopro da vida!

— Impossível!

A criatura de pedra movimentou seus dedos em garra. Embora rígidos feito aço, tinham a flexibilidade de dedos humanos. Voltou seu rosto medonho na direção do homem que o criara... E aguardou.

Saul Weiss recuou sem querer diante do vazio daquele olhar. E, num eco distante de Victor Frankenstein, pensou:

"Senhor! O que foi que eu fiz?"

Então, recordou-se dos marginais, do que sofrera, dos danos causados, da ameaça. O temor foi substituído pelo júbilo. Sentiu-se seguro, protegido e poderoso. Viu aflorar novamente o sentimento de raiva, frustração e desejo de vingança.

"... também eu me rirei no dia da vossa calamidade; zombarei, quando sobrevier o vosso terror..."

Cercado pelos destroços de cerâmica e pergaminhos, ordenou no antigo idioma:

— Vá até o lugar que pode ler em minha mente, e, através desta, procure e castigue aqueles que destruíram o trabalho que dava sentido à minha existência. Vá!

O monstro sem alma, em movimentos vacilantes a princípio, moveu-se em direção a porta da olaria e lá, protegido pela escuridão fria da noite, distendeu suas asas majestosas e alçou voo, tornando-se parte das trevas.

Saul Weiss sentiu-se em paz.

Ruidosa tempestade desabou do céu.

Relâmpagos rasgaram o ventre das nuvens.

E a chuvarada desabou feito miríade de lágrimas.

O homem velho, dominado pela exaustão, desabou sobre umas tábuas e pilhas de lona. Adormeceu.

Era uma entidade desprovida de espírito. O ódio era o seu coração e cérebro; a dor, o seu alimento; a vingança, o seu sangue. Chegou à favela de São Francisco de Assis acompanhado pelo ribombar de um trovão. Era o arauto das desgraças e maldições, a legião dos agonizantes, o soldado do infortúnio. E cumpriria bem o seu papel.

Arremeteu contra os barracos feito uma besta enlouquecida, abatendo tudo em seu caminho. Estilhaços esparramaram-se em todas as direções. Bramidos apavorados fizeram-se ouvir. Homens de bem alarmados e traficantes fortemente armados saíram na chuva a fim de descobrir do que se tratava. E, incrédulos em seu terror, nada puderam fazer para impedir a trilha de destruição do monstro. Facões, pistolas, metralhadoras e até granadas usaram. Nada representavam contra a criatura de pedra. Um dos projéteis atingiu um botijão de gás ao lado do golem e uma violenta explosão cegou e ensurdeceu a todos momentaneamente. Apesar do aguaceiro, um enorme incêndio espalhou-se pelos casebres de madeira. Choros, gritos e o ganir dos cães somaram-se ao tamborilar da chuva sobre os telhados de zinco. No local da explosão, restara uma cratera fumegante de cinco metros de diâmetro e um forte cheiro de queimado.

— Acabamos com aquilo! — rejubilaram-se.

— O que era aquilo, o capeta?

— Sei lá! Só sei que...

— VEJAM!

Em meio as chamas, rolos de fumaça e pedaços de corpos carbonizados, o vulto alado emergiu incólume e destruiu de forma selvagem os agressores. Voltou a atacar sem misericórdia as outras habitações até que, por fim, deparou-se com os criminosos Zulão e Zico escondidos num beco, sob umas tábuas e sacos de lixo. Nunca os vira antes, porém, suas imagens estavam gravadas no ódio destilado pelo oleiro e que constituía-se a sua essência. Zico foi morto depressa, crânio esmagado feito um ovo podre entre as garras de pedra. Já Zulão sofreu a agonia de mil mortes. Seus membros foram decepados lentamente, um a um.

— Por quê? — balbuciou. — Por quê?

Mas algo insinuou-se em seus pensamentos mergulhados na agonia e no caos. Mesmo sem saber como, ele soube: o velhote era o responsável. Diante de si, o idoso sorria. Pouco antes de desfalecer, em meio à dor lancinante e ao sangue que esguichava, tingindo de escarlate as poças d'água, o corno na testa do monstro arremeteu contra um de seus olhos, trazendo-lhe o fim pelo qual implorava.

Estava feito. A razão do existir da criatura sem alma fora cumprida.

Mais explosões se seguiram à medida em que o fogo se alastrava. A ventania contribuiu para alimentar o fogaréu e as labaredas infernais riram de escárnio dos esforços da chuva.

Do interior das chamas, o golem agitou suas asas e tornou a voar. Retornou para a olaria tal qual o salmão que, um dia, voltava para o seu lugar de nascimento.

Embora soasse incongruente, aqueles que sobreviveram ficaram convictos de que, naquela noite, o diabo os visitara a fim de puni-los por seus pecados.

No dia seguinte, Saul Weiss soube através de vizinhos que a favela fora devastada. Aqueles que sobreviveram fizeram descrições contraditórias do responsável. Ora falavam em demônio, ora em colosso de pedra, ora em vampiro ou morcego gigante. De certeza, dezenas de mortos espalhados pelos escombros. Entre a perplexidade e o ceticismo, a polícia acabou por atribuir o ocorrido a um botijão defeituoso somado a um conflito entre quadrilhas.

O oleiro tombou para trás como se tivesse sido empurrado.

— O senhor está bem?

— E-estou. É o calor. Minha pressão, sabe...

Retornou à olaria e, em um canto obscuro, divisou o chamuscado gigante de pedra.

— O que foi que você fez? — disse, apontando um dedo acusador, porém, ele sabia quem era o verdadeiro culpado. E choramingou: — O que foi que eu fiz?

A criatura permaneceu estática. Muda.

Num arremedo imperfeito do Criador, Saul Weiss fizera uso da graça que lhe fora concedida. Todavia, em sua arrogância, a um punhado de argila dera o sopro da vida e, em vez de fazer o bem, criara um hediondo instrumento de vingança que não somente exterminara os alvos de sua ira como ceifara a vida de inúmeros inocentes. Não havia nada de divino em sua obra. Ao desejar expurgar o mal, trouxera um mal ainda pior. Perdera a sua santidade. Transformara-se naquilo que mais odiava no mundo. Tornara-se um monstro.

"... porque os seus pés correm para o mal, e eles se apressam a derramar sangue..."

Munido de um martelo e uma entalhadeira, caminhou até o golem com a intenção de apagar o "E" de *Emet* de sua testa testa, transformando-o em *Met*, que significava "morto", destruindo assim a sua criação.

O ódio continuava a consumir o monstro. Era um fogo impossível de apagar. E de todas as malignidades que corriam em suas veias de pedra, a maior de todas não fora dirigida aos marginais que destruíram potes e livros. Não. Destinava-se àquele a quem desejaria dirigir as perguntas, mas cuja língua de pedra jamais conseguiria formulá-las: Por que me criou? Somente para ser uma arma sanguinária? Um objeto de temor e repulsa que jamais usufruiria um instante de paz? Um monstro? Um demônio? Uma abominação? Por quê?

A entalhadeira chegou perto.

De repente o golem agarrou o idoso e alçou voo, arrebatando o telhado de fibrocimento.

Weiss mal conseguia respirar devido a pressão em seu peito. Só percebia de soslaio o horizonte tornar-se cada vez mais distante. O tempo urgia. Sem hesitar, firmou a entalhadeira e com algumas marteladas, arrancou o caractere hebraico mais à direita.

Imediatamente, o golem afrouxou o seu abraço de pedra e, diante dos olhos aterrorizados do oleiro, desfez-se em pó. Em seguida, despencou de uma altura de cerca de duzentos metros.

Enquanto caía para a morte, seu único consolo — ou esperança — foi o de que reencontraria a sua família massacrada em meado dos anos quarenta.

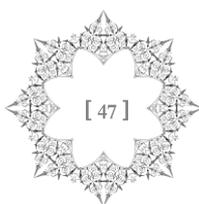
O corpo esmagou-se num estrondo.

A seguir, uma espessa chuva de poeira depositou-se sobre o cadáver até cobri-lo.

Assim se foi o golem que nunca teve uma alma e o velho que perdeu a dele.

NOTA DO AUTOR:

Uma versão reduzida deste conto (e carente de uma melhor verificação ortográfica) foi reproduzida na antologia "Bestiário" (Dark Books, 2021), organizada por James Gallagher Júnior. Aqui apresento a história na íntegra e, espero, com falhas minimizadas.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A



Destruição

Por Sellma Luanny



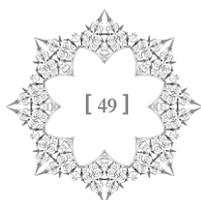
Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de doze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Cenário de pós-guerra, parecia...
Machucava a vista e apunhalava a alma,
confrontar-se com destruição inigualável.
Figuras retorcidas, fantasmagóricas,
semivivas, semimortas.
Levando com elas, nossas lembranças.
Perde-se então, de súbito,
a esperança em um mundo sólido.

A válvula que, porventura,
controlava o amargor do tempo, abriu-se.
Veio à boca, fel de profundas grutas.
Uma melancolia... sem barragem... a jorrar
como aquela água, que descera
não de um céu usual, mas de um oceano
suspenso... imperioso e frio.

Talvez, ao se tentar equilibrar,
a Natureza, com energia
e poderes descomunais,
despejou sem reservas, do firmamento,
um mar líquido e revoltado.
E a catástrofe que se fez,
impôs aos humanos, terror e humildade.

O verde vestiu-se de cinza e castanho.
Contornos arredondados,
a formas sem direção, borradas,
desarmoniosas, cederam seu lugar.
Tristes caricaturas de árvores contorcidas
pelo padecimento!
O que há pouco, era vida, só ruínas!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A



Consciência

Por Sellma Luanny



Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de doze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

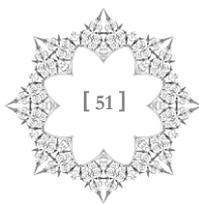
Uma vida humana aqui...
Dez vidas acolá...
Milhares mais além...
Ontem, hoje e amanhã.
Sempre preciosas!
Únicas todas... tocam o coração!

Uma vida animal aqui...
Dez vidas acolá...
Milhares mais além...
Ontem, hoje e amanhã...
Qual o seu valor?
Quem a chorar?

Humanos... a defender, a proteger....
Naturalmente! Engenhosos
mecanismos em ação.
Tocadas "almas".
Menos tocadas outras.
Pelo *momentum*, motivadas.

Uns heróis, atores muitos!
À luz do dia, rutilando.
Relevante! Histórico!
Salvar vidas humanas!
E "orgulhosos", serenados,
em "paz", repousarem.

Mas que paz? E os animais outros?
Uma vida aqui... Dez acolá...
E além, milhares...
A chorar, quem?
A agir, quem?
A quem incomoda?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

"Heróis" Cruéis
Por Sellma Luanny

Sobre a autora: Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de doze antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Ah, Euclides, tu tinhas mesmo razão!
Era rudeza e era monstruosidade,
incompreensíveis!
A ascensão humana, episodiada.
Era o lugar comum... a tudo unificar,
em um só matiz.

Justificável? Quem julgará?
Tu foste, como disseste, um observador.
Antes da visão do descalabro,
o teu lado ignorante e preconceituoso,
mostraste.

Mas, ao chegar e tomar ciência,
sofreste como sofre quem não é autômato.
Um grito de quem tem crítica.
Foste testemunha.
Um crime não justifica outro...
Será?

A civilização cíclica,
por erráticos e tormentosos caminhos.
Num suceder de desastres e horrores,
tantos - imagináveis, quase nunca descritos.
Pelo vencedor, a história contada.

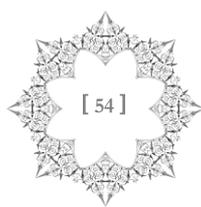
O domínio sobre o outro - a conquista -
nunca pacífico, nunca aceitável.
Um dragão a devorar serpentes ou cordeiros.
E, catastrófico, continua o ciclo.

Ah, Euclides, e hoje, se tu pudesses ver!...
Não precisarias de palavras diferentes

daquelas já ditas.

É, em escala global, o repetitivo desastre,
a destruir sem justificar.

Por humanos desumanos,
sem consciência, tolerado.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O



Inexorável

Por Theodora Xavier



Sobre a autora: Theodora Xavier é estudante de Escrita Criativa na PUCRS e contista fixa no blog Não entregue a paçoca.

■ ■ ■ **J**oaquim despertou com o pescoço em chagas e os pulmões desesperados por ar. Estava prostrado em frente a capela da Santa Casa de Misericórdia, o Pai-Nosso ainda ecoava em sua cabeça. Dentro, um sacerdote murmurava uma missa qualquer, de costas para ele. Sua reza lamurienta infestava a noite e causava tremores em Joaquim. Não por ser sombria, mas por trazer lembranças.

Apressou-se em sair daquele lugar de ecos, andou a passos firmes pelo caminho de chão batido em frente ao hospital, sentindo o cheiro de terra seca que lhe era tão familiar. Acabou chegando na Rua da Praia, onde várias figuras com rostos camuflados pela noite formavam um corredor, como se aguardassem um desfile, um espetáculo prestes a começar. Joaquim desejou dar meia volta, ir para casa, mas seu corpo tinha outros planos e, no fundo, ele sabia onde precisava chegar. Usando o pavor como oxigênio, passou correndo pelo público inerte, sem coragem de encará-los até chegar ao Largo, onde uma nova plateia o esperava.

Estava de joelhos em frente a Capela da Santa Casa com o rosto branco em chamas e o pescoço latejando. No lugar do sacerdote, a figura de Cristo crucificado o encarava, sem trazer alento. Julgou não ter passado de um sonho, limpou as vestes de linho, ajeitou o bigode e começou a andar, acreditando ser sem rumo. Era uma noite bela: o minuano soprava e embalava o Guaíba, produzido uma canção melancólica. Contudo, não havia ninguém para ouvi-la além de Joaquim. Deveria ser demasiado tarde para não ter viva alma na rua. Ele puxou o relógio de bolso, mas este estava quebrado, marcando três horas. A visão do objeto lhe causou desconforto, não pela frustração, mas por já saber que estaria avariado. Deixou de lado as belezas da cidade e pôs-se a andar mais rápido.

Desceu a ladeira íngreme da Graça e desembocou no calçamento recém-feito da Rua da Praia. Sentiu a dor no pescoço intensificar e o ar faltar-lhe nos pulmões: o mesmo cortejo sombrio o esperava, agora de cabeças erguidas. Podia ver os rostos voltados a ele e em especial o que lhes faltava: no lugar dos olhos apenas abismos escuros sem emoção, aguardando um espetáculo que nunca poderiam contemplar. O desejo de fuga inundou Joaquim, queria retornar às regalias de seu casarão, sua dedicada esposa e seus escravos. Precisou de toda sua força de vontade para cessar a marcha insana, as pernas tremiam e ele sentia o suor escorrendo pela face. Era Joaquim Machado Leão, um dos homens mais temidos do Rio Grande, não se submeteria a isso... foi o que pensou até sentir o peso de um olhar a suas costas. Conseguiu sentir percorrer-lhe a espinha e

arrepiar-lhe a nuca. Virou a cabeça lentamente, sem saber se por uma curiosidade mórbida ou por ser inevitável.

Joaquim Machado Leão encontrou olhos delatores dos quais jamais esqueceria. Olhos grandes e escuros de um jovem um pouco mais velho que uma criança, olhos interrompidos. O negro, dono do olhar, o encarava sorrindo. Em volta do pescoço, trazia uma forca rebentada e cobrindo-lhe as costas, um manto longo. A aparição caminhou na direção dele e com um simples gesto, mandou-o seguir em direção ao Largo.

Acordou genuflexo em frente a Capela, já sem forças. O pescoço transcendeu a dor e já não tinha certeza se respirava. Mal voltara a si e o impulso doentio já começou a dominar-lhe a mente: precisava chegar ao Largo. Preparava-se para seguir caminho, quando uma lamúria vinda da capela chamou sua atenção: podia observar as costas do sacerdote com vestes simples conduzindo a missa que lhe causava tremores, mas agora entendia o motivo: conhecia aquelas palavras do seu trabalho como meirinho, era o rito de extrema unção. O sacerdote virou em sua direção, a mão erguida a buscar um condenado para ungir. Joaquim sucumbiu ao chão mais uma vez, as mãos trêmulas empurrando o solo areado buscando fazer o papel dos pés e levá-lo para longe daquela visão familiar: no lugar onde deveriam estar os gentis olhos do eclesiástico encontravam-se duas fossas negras tão profundas quanto o mais mortal dos abismos. O mais terrível não era o fato da criatura o encarar, mas saber que ele só faria isso.

Logo em seguida vieram soldados, também com olhos roubados, lhe ergueram do chão, arrancaram as vestes de Joaquim e as substituíram por trapos cheirando a urina e sujos com uma mistura de terra e vomito. Terminaram prendendo-lhe as mãos às costas com grilhões à beira da ferrugem. O condenado tentou protestar, disse ser oficial da justiça, representante do rei, dono de terras, mas os soldados pareciam ter perdido os ouvidos assim como os olhos.

Foi atirado à calçada no início da Rua da Praia e obrigado a andar por sua ânsia desvairada e pelos soldados que marchavam atrás de si. Ladeando a rua, a conhecida multidão, agora se alegrava com o espetáculo enfim iniciado. Eles gritavam improperios e o acompanhavam na sua jornada fatídica. Cuscos sarnentos latiam, alguns tentavam morder-lhe os calcanhares e o som se misturava aos gritos do povo e as rezas agorentas do sacerdote.

O Condenado já podia ouvir o badalar da Igreja das Dores anunciando a proximidade ao seu destino. No Largo da Força, eles já o esperavam. Ao redor do instrumento mortal

que dava nome ao lugar estavam sete negros, todos com olhos grandes, acusadores e com forcas no pescoço. Apenas um deles trazia nas costas um manto que reconheceu enfim como a bandeira da misericórdia. Ao fundo, a Igreja em eterna construção observava tudo, dando sua bênção pela primeira vez.

O carrasco o levou até a forca, a multidão o olhava, mas apenas os escravizados o viam. Não havia ninguém para ler-lhe a sentença, pois era o próprio meirinho quem estava no cadafalso. O padre uniu-se ao sacerdote para finalizar a atração.

“Pai nosso que estais nos Céus, santificado seja o vosso Nome...”

Colocaram-lhe o capuz, tinha furos de uso e cheirava a lagrimas e saliva. Ele nunca entendeu o motivo do capuz, imaginava que o rosto transfigurado pela morte deveria fazer parte do espetáculo.

“...venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu.”

O executor verificou a corda e o nó antes de pousá-la no pescoço do condenado. Ele brincava com o banquinho que logo empurraria, achava graça.

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido...”

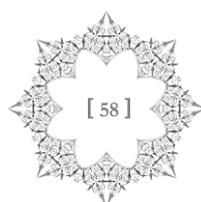
A frase fez o ódio aflorar-lhe. Ele esbravejou ser digno de perdão, ter apenas seguido a lei e se cometera injustiça, fora por ignorância. Era um homem de boa família, um cidadão de bem, não merecia morrer. Recebeu como resposta o sorriso das vítimas.

“...e não nos deixeis cair em tentação...”

Aceitando o inexorável, pediu perdão ao senhor e suplicou por um fim rápido. Esperava sentir a paz da confissão, mas ao invés de alívio, sentiu pavor. Não pela morte iminente, mas pelo entendimento.

“...,mas livrai-nos do Mal.”

...Joaquim despertou com o pescoço em chagas e os pulmões desesperados por ar. Estava prostrado em frente a capela da Santa Casa de Misericórdia, o Pai-Nosso ainda ecoava em sua cabeça...





A P R E S E N T A M O S O C O N T O



Adefagia

Por Theodora Xavier



Sobre a autora: Theodora Xavier é estudante de Escrita Criativa na PUCRS e contista fixa no blog Não entregue a paçoca.

— **M**a, estou com medo.
A confissão da criança era desnecessária. A mãozinha parecia uma pedra de gelo desde a saída da aldeia. Uma bola de pele fina, empapada e gelada, apertava a mão da irmã gêmea que se limitou a segurá-lo mais forte. Continuou:

— Por que eles nos mandaram embora? A gente fez alguma coisa errada?

— A comida e a lenha tavam acabando. Eles precisam expulsar algumas pessoas pra sobreviver.

— Mas e por que a gente?

“Queriam se livrar do aleijado e a irmã responsável decidiu ir junto”. Maria olhou para o irmão: a confusão no rostinho desnutrido cor de massa podre sem se importar com o braço ausente e o nariz desprovido de cartilagem. Em dias bons, desejava que as deformidades tivessem sido distribuídas igualmente entre os dois. Em dias ruins, gostaria que João tivesse morrido no parto ao invés da mãe.

— Não sei, querido. Sua respiração está arrastada. Quer subir na garupa como a gente faz pra brincar de justa?

Ela não precisou repetir, mal terminou a frase e João já estava nas suas costas. Maria sentiu saudade da época onde a mais séria das preocupações podia ser facilmente superada pela sugestão de diversão. Seguiu a busca por abrigo com o pacotinho nas costas, fazendo firulas de tempos em tempos para distrair da tragédia.

— Ma, que fumaça é essa?

A jovem não percebeu a névoa, julgava ser apenas a visão embaçada pela fome e carga extra. Colocou o irmão no solo e lembrou das histórias dos caçadores da aldeia.

— Acho que a gente tá na zona amaldiçoada, Jo. Melhor a gente se apressar. Pode me dar um pouco do teu pão?

A mão foi para trás das costas e os olhos encararam o chão em uma atitude bem conhecida por Maria.

— João?

— Eu... eu não tenho mais o pão, Ma.

— Como não tem mais o pão? Tu comeu?

— Não eu... É que eu tava fazendo um caminho de farelo caso a gente quisesse voltar pra casa.

O estômago vazio há dois dias não foi capaz de manter a pressão regular e Maria se viu apoiada em uma árvore seca enquanto soltava as palavras entre puxadas de ar.

— Tu jogou a comida fora?

— Não foi fora. Se a gente quiser voltar pra casa e pedir pra eles nos aceitarem de volta, a gente vai saber o caminho. Vai que eles se arrependeram.

— Tu é digno de pena, sabia? Aquela gente te quer morto desde o dia que tu nasceu! Doze anos na cara e se comportando feito um bebê! Nem pra guardar a merda de um pão tu serve!

As palavras saíram aos berros e emboladas. João não ficou para ouvir a última frase, correu floresta adentro deixando apenas o engasgar do choro como guia. Maria seguiu, cabeça zunindo e sem ter certeza se sentia muito ou não. Apenas precisava encontrá-lo. Arranhou corpo e rosto nos galhos enquanto seguia em marcha rápida e forçada, tirando forças da culpa. Só parou ao avistar um casebre abandonado cuja porta foi fechada pouco antes da sua chegada.

— Olá! Tem alguém em casa? João, tu tá aí? Desculpa. Eu não devia ter dito aquilo.

A porta se abriu na terceira batida. Dentro, a névoa se transformava no calor de lareira e em cheiro de comida pronta. Bolos e pães enfeitavam a mesa posta, jarros de suco davam o toque final. Na cozinha, uma velha encurvada de cabelos outrora dourados terminava o jantar

— Querida! Que susto você me deu.

Disse a mulher entre sorrisos enquanto secava as mãos em um avental xadrez.

— Desculpa. Bati na porta e ela abriu. To procurando o meu irmão.

— Não tem problema, doçura. Não vi mais ninguém aqui. Venha comer alguma coisa, consigo contar seus ossos.

— Mas ele pode estar em perigo.

— Só um biscoitinho não vai fazer mal, meu bem. Você mal se aguenta em pé.

Maria hesitou. Estava acostumada a realizar sacrifícios pelos outros desde que se entendia por gente. Porém, a perspectiva de alimento enuviava seu senso de responsabilidade. Devorou toda comida à sua frente, afastando o pensamento do irmão ao dizer que precisaria estar forte se quisesse encontrá-lo. A senhora apenas a olhava com candura e trazia mais quitutes.

— Muito obrigada, estava morta de fome.

— Pode comer o quanto quiser.

— Obrigada, mas não posso ficar. Tenho que encontrar o meu irmão.

— Tão novinha e tão responsável. Veja bem menina, daqui a pouco o meu filho chega e ele pode te ajudar a procurar. Não há motivo para fazer isso sozinha. Nem é sua função, não é mesmo? Vocês têm a mesma idade, ele poderia muito bem estar procurando por você.

Maria absorveu as palavras agridoces desfrutando cada parte, cada nuance. Sua degustação foi interrompida por um rosnado rouco, vindo da porta.

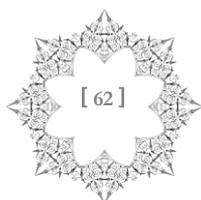
Um lobo sarnento e manco a encarava pela entrada. Rosnava e latia com a baba a escorrer por entre os dentes. A garota ficou imóvel, talvez se não demonstrasse ameaça ele iria embora, porém isso o irritou ainda mais. O canino foi em sua direção dando patadas e tentando agarrá-la, levando-a ao chão. Maria segurou as finas patas do animal, jogando-o para o lado — não era tão forte quanto esperava, até os lobos tinham fome nesse maldito lugar. Chutou a cabeça e ouviu o ganido lupino. Apoiou o joelho em seu peito, envolveu as mãos no pescoço e apertou com a mesma força que torcia roupa.

— Pronto, pronto menina. Já está morto. Você foi muito corajosa, sabia? Proteger uma velha senhora de tal besta. Venha cá, pegue uma broa e sente-se comigo. Vou lhe contar uma história.

Obedeceu. A broa soltando farelos e grudando em suas mãos devido à tremedeira e ao suor. A velha sentou-se na cadeira de balanço e a garota se acomodou em uma almofada aos pés dela. Sentiu as mãos enrugadas acariciando seus cabelos em um carinho até então desconhecido. As pernas da idosa a abrigaram com cuidado, a voz doce ecoando em seus ouvidos:

— Era uma vez...

Maria morreu sem sentir os vermes caminhando pelo rosto, explorando cara orifício enquanto a boca deliciava-se com carne podre de origem incerta e o corpo do irmão jazia à sua frente, rodeado por esqueletos de outros sonhadores.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A



Alguém tem de alimentar os abutres

Por Willis Leite



Sobre o autor: Nasci em Minas Gerais, viajo o Brasil por meio da profissão, enquanto conheço lugares e pessoas pelo trecho, escrevo minhas poesias recheadas de desejos e saudades, minhas loucuras, amores perdidos e encontrados, a dança da vida diante da performance da alma, com sonhos lúcidos embriagados de emoções vividas...

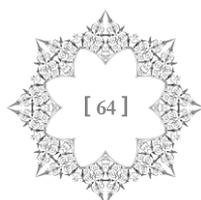
"Sigo sendo o louco do tarot, que caminha a beira do precipício, tocando uma flauta mágica, seguido por um gato preto e uma borboleta caligo no ombro.

Real imaginário a disposição da imaginação alheia."

Trabalho como supervisor de Eletromecânica, cursando último período de Gestão Ambiental e escrevo desde os nove anos, vindo a participar de inúmeros concursos de poesias sendo classificado em todas as participações.

Tem dias, que o céu amanhece cinza,
e o sol não ilumina os cantos da casa.
Você tenta se agarrar aos pequenos
picos de felicidade.
A heroína fétida de desejos corrompidos.
A parede dura de tristezas e apatias.

Tem dias que a poesia não elimina dores,
nem adia o parto cru de seus horrores.
E é isso...
E isso, não é nada.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lembre-se da Morte

Por Willis Leite

Sobre o autor: Nasci em Minas Gerais, viajo o Brasil por meio da profissão, enquanto conheço lugares e pessoas pelo trecho, escrevo minhas poesias recheadas de desejos e saudades, minhas loucuras, amores perdidos e encontrados, a dança da vida diante da performance da alma, com sonhos lúcidos embriagados de emoções vividas...

"Sigo sendo o louco do tarot, que caminha a beira do precipício, tocando uma flauta mágica, seguido por um gato preto e uma borboleta caligo no ombro.

Real imaginário a disposição da imaginação alheia."

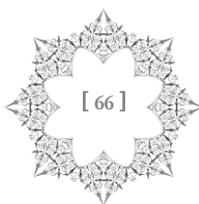
Trabalho como supervisor de Eletromecânica, cursando último período de Gestão Ambiental e escrevo desde os nove anos, vindo a participar de inúmeros concursos de poesias sendo classificado em todas as participações.

Silêncio noturno
Beijo batom
Espectro vazio
Perturbando meus sonhos
Ciúmes e morte
Desejos profanos
Sentir, temos fome
Sou mais bicho que homem

Cortando meus pulsos
Ao pensar em teu nome
No instante vazio
Onde escorre meu sangue
Lágrimas escorrendo
Velejo na escuridão
Sol lá, me derretendo
Devo citar Drummond?

Doer me diz parto
Nasce sonho sem lua
Esconder em seu quarto
Roendo minhas unhas.
O cristal, o quartzo
Forja o medo em ruína
Dissolvido em pacto
Ou coisa nenhuma.

Memento mori





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Carta de um suicida

Por Willis Leite

Sobre o autor: Nasci em Minas Gerais, viajo o Brasil por meio da profissão, enquanto conheço lugares e pessoas pelo trecho, escrevo minhas poesias recheadas de desejos e saudades, minhas loucuras, amores perdidos e encontrados, a dança da vida diante da performance da alma, com sonhos lúcidos embriagados de emoções vividas...

"Sigo sendo o louco do tarot, que caminha a beira do precipício, tocando uma flauta mágica, seguido por um gato preto e uma borboleta caligo no ombro.

Real imaginário a disposição da imaginação alheia."

Trabalho como supervisor de Eletromecânica, cursando último período de Gestão Ambiental e escrevo desde os nove anos, vindo a participar de inúmeros concursos de poesias sendo classificado em todas as participações.

Desculpe se não sair legal.
são palavras embaralhadas em mim.
Mas peço perdão pelo que fiz.
Tentei não magoar ninguém.

Talvez eu fui bastante magoado,
para tomar coragem e enfrentar a morte.
Minha mente estava cansada.
cansada de tanto apanhar.

Cansado de cheirar rosas de plástico.
de viver uma vida imaginária.
de escutar musicas sem ritmos e vozes
de amar e não sentir o que é amor.

Estava cheio de tentar desvendar a minha mente.
e nada descobrir, senão, que não vale a pena viver.
achei que algo mudaria, mas ninguém percebeu.
mas agora, tudo passou.

Minh'alma certamente, deve está vagando
por esses labirintos escuros e sem fim
esperando ser julgado pelos meus atos.
ou então, deve estar brincando com outras encarnações.

Mas peço desculpa a todos
eu queria apenas entender essas repartições.
Estranhas repartições que você me contou.
Talvez seja melhor assim para todos.

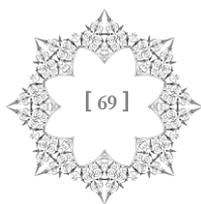
peço perdão a todos
por não ter sido forte

por ter caído neste pecado
e dado um abraço triste na morte.

Somos poetas decapitados por nossos sentimentos.
Essas tristes palavras choradas
meus sentimentos negros, sobre o papel branco.
assim minha vida se desfez.

De uma face escura e sombria.
sempre cultuando a morte.
Talvez seja minha máscara negra
que me levou as profundezas...

Eu apenas posso dizer: Adeus!



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI